

4 A escatologia do amor

O Centro da vida cristã consiste na memória da Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus Cristo. Nela se configura a radical solidariedade de Deus, que é Amor, com as vítimas, com os que sofrem. A fé cristã atualiza este memorial na memória de todos os injustiçados. “Só refletindo sobre o que acontece entre o Crucificado e o ‘seu’ Deus poderemos deduzir o que este Deus significa para os afligidos e desamparados desta terra”¹. O silêncio de Deus na cruz e o túmulo vazio nos remetem a essa profunda presença do acontecimento divino quando do clamor a Ele dirigido frente ao absurdo da injustiça. E a ressurreição de Cristo é a resposta do Pai, no Espírito Santo, a esse clamor. Uma resposta, no entanto, que aponta para além deste clamor e para além do sofrimento que o mal neste mundo inflige às suas vítimas.

A grande objeção de que um Deus que não se salvou não pode salvar², se mostra infundada, quando, por essa *via crucis*, o que está em jogo é o interesse de Deus pela vida concreta do ser humano, como nos revela os relatos da ressurreição de Jesus: “Deus salvou o crucificado e confirmou seu plano de vida. [...] Essa esperança está vinculada ao compromisso com uma forma de vida”³, que é a vida de Jesus Cristo.

Este capítulo aponta para as consequências escatológicas *para nós* da imagem cristã de Deus como Amor, como Comunidade de Amor, como Trindade. O futuro de Deus é o Seu amor revelado em sua radicalidade como passível e libertador na cruz e ressurreição de Jesus Cristo. É este Seu amor, que tudo suporta e que tudo sofre, quem tudo transfigura e abre os horizontes da humanidade para esta sua dinâmica libertadora.

Tendo por base os capítulos anteriores, este capítulo apresentará o caráter escatológico do amor, segundo J. Moltmann, na vida concreta do homem. A Trindade é revelada plenamente por Cristo em Sua cruz e ressurreição. Neste evento, Deus se dá a conhecer a partir do Seu futuro como movimento de amor. Amor libertador e renovador. Num primeiro momento apresentaremos o enunciado

¹ BINGEMER, M. C., *Um rosto para Deus?*, p. 168.

² DÍAZ, J. A., *¿Qué decimos cuando hablamos de Dios?*, pp. 137-138.

³ DÍAZ, J. A., *¿Qué decimos cuando hablamos de Dios?*, pp. 142.

escatológico da revelação da Trindade. Em seguida, o alcance desse enunciado na vida do homem, vítima e agente do mal. Aqui J. Moltmann aponta um dado fundamental, pois o mal atinge completamente a vítima e os agentes. Estes últimos não podem viver com a culpa. Mas a ação libertadora do amor trinitário vai além da redenção da culpa, dirigindo o olhar para as vítimas da ação do mal. Estes, segundo J. Moltmann, são o critério da justiça justificadora de Deus. Por fim, ainda que J. Moltmann fundamenta a esperança no Deus promitente, este Deus promitente é Amor, e nesse Amor se movem a história e o mundo. É a partir dessa revelação fundamental de Deus Trindade no Evento Pascal de Cristo que a vivência cristã se compreende como vida *de* e *em* esperança, o que a torna participante desse agir transformador e libertador do amor de Deus.

4.1.

O enunciado escatológico da revelação da Trindade

Gritar por Deus significa lutar contra a dor e a morte, na perspectiva da pergunta pela justiça de Deus. A dinâmica da fé conduz o crente à pergunta pela justiça em meio ao sofrimento, pois “Deus e o sofrimento se pertencem mutuamente, da mesma forma como, nesta vida, o grito por Deus e o sofrimento experimentado na dor se pertencem”⁴. Tangenciar o sofrimento vinculando-o à culpa do homem não é suficiente. Também não é suficiente para a teologia interpretar o sofrimento de Cristo na cruz como reconciliação entre Deus e o homem no âmbito da expiação da culpa pelo perdão do pecado⁵. Fixar-se em tais insuficiências, ao invés de qualificar a contribuição da teologia para essa questão aberta na história do homem e de Deus, empobrece-a. É papel da fé e da teologia “proporcionar condições de sobreviver com essa ferida aberta”⁶.

J. Moltmann dá sua contribuição teológica para essa questão crucial da humanidade, inserindo-a no mais íntimo do mistério de Deus. E a faz tomando a

⁴ MOLTSMANN, J., *Trindade e reino de Deus*, p. 63.

⁵ Cf. MOLTSMANN, J., *Trindade e reino de Deus*, p. 65-66.

⁶ MOLTSMANN, J., *Trindade e reino de Deus*, p. 63. Tratamos desta questão no capítulo precedente de nossa pesquisa.

Teologia da Cruz de M. Lutero, avançando na perspectiva de compreender a Trindade no evento da cruz, como Amor padecente que liberta e inaugura o Seu futuro na justificação do mundo. Retira a pergunta por Deus no sofrimento do círculo fechado da culpa e da sua expiação para a dinâmica sempre aberta do amor criativo que tudo sofre para libertar o amado. Rompe com uma redução monoteísta e modalista da compreensão de Deus no cristianismo, que na realidade acaba por afirmar um Deus apático, ou um senhor severo cujo reino não é de liberdade de filhos, mas serviçais do Senhor. A afirmação de Deus como Trindade, como Comunidade de Amor, encontra no evento da cruz a sua revelação, e nesta cruz qualquer discurso cristão sobre Deus encontra a sua crítica, conforme aponta a teologia moltmanniana.

De que modo a fé cristã nos ajuda a viver no mundo com esta ferida aberta, que é o sofrimento apesar de Deus? No dizer de Greshake:

Na cruz torna-se evidente que, quando se assume o sofrimento por amor, podemos superá-lo quando ele é cercado pela promessa de vida; a ressurreição, resposta do Pai à cruz do Filho, é o início da supressão de todo sofrimento, mas supressão como destruição e dádiva de significação. Pelo fato de Cristo, por toda a eternidade, portar as chagas à direita do Pai, torna-se evidente que o sofrimento realmente tem acesso a Deus por toda a eternidade, e sua limitada negatividade não se contrapõe à reconciliação do “Deus que é tudo em tudo”. “O sofrimento passa, o fato de ter sofrido não”, observa Leon Bloy. Se o sofrimento passado ocorreu por amor, então ele é válido, pois o amor é aquilo que “permanece” (1Cor 13,8)⁷.

Deus não quer o sofrimento de Sua criação. No entanto, esse Seu querer a liberdade do homem não se expressa por uma ação dominadora⁸. Ele assume o seu sofrimento. O Pai suporta o sofrimento do Filho, suporta a *Kénosis* do Filho e a do Espírito. Aqui Deus entra na história de sofrimento de Sua criação, pois acolhe no seio de Sua eterna comunhão de amor as marcas da dor e da distância pelo abandono que o Seu outro trilhou e insiste em trilhar. É o amor o convite e o penhor para a participação livre e gratuita do homem na comunhão trinitária. No entanto, esse movimento no amor da Trindade a nós, desde as trevas mais profundas do sofrimento dos sem-Deus e do não-Deus, traz consigo o Novo que ressignifica a vida, passando de sofrimento para aflição, de resignação para comprometimento na esperança. De que modo a fé nos chama a viver com essa ferida aberta? Na

⁷ GRESHAKE, G., *Por que o amor de Deus nos deixa sofrer?*, p. 70.

⁸ Cf. GRESHAKE, G., *Por que o amor de Deus nos deixa sofrer?*, p. 64.

participação do sofrimento de Deus pelo mundo – Ele que traz as marcas de Sua paixão e as tem no seio de Sua comunhão de amor – na tradução desse amor da Trindade em cada uma das relações humanas, a saber, das relações consigo, com o outro, com a Natureza e com o próprio Deus. A viver na esperança, ao encontro dos desesperados.

Avançamos para a compreensão do enunciado escatológico dessa revelação de Deus como Trindade no evento da cruz.

A ressurreição do Crucificado inaugura o futuro de Deus na esperança da transfiguração do mundo como experiência do Espírito Santo, pois na autolimitação divina do ato da criação, que corresponde à liberdade amorosa de Deus, se encontra a promessa da habitação da Trindade nesta criação, como um evento de salvação e de esperança. Nas palavras de J. Moltmann:

Na experiência do Espírito experimenta-se uma *nova presença de Deus*. Deus não se coloca simplesmente como o criador diante da sua criação. Deus não se apresenta apenas como aquele que se fez homem, para interceder pelos homens. Deus, pelo seu Espírito, habita nos homens. [...]. Pela habitação do Espírito, os homens e as comunidades já agora são “transfigurados” *corporalmente*. Mas depois, toda a criação será transfigurada pela glória de Deus que nela habita. A esperança que se acende pela habitação do Espírito abarca por isso o futuro em visões panenteísticas. Tudo acabará em que “Deus será tudo em todos” (1Cor 15,28). *Deus no mundo e o mundo em Deus*, isso significa a transfiguração do mundo pelo Espírito. Isso representa a *morada da Trindade*⁹.

A criação, obra do amor de Deus, que existe em Deus, que acolhe o evento do Filho no Espírito, torna-se habitação de Deus. Este dado da compreensão do futuro de Deus é um passo além da relação formal entre Deus, criador, e a criatura. É um passo além da perspectiva da epifania de Deus¹⁰, como aquele que aparece para que o homem o conheça; mas esse conhecimento é irrelevante, pois nada acrescenta ou para nada impele a existência e, por outro lado, essa existência humana nada tem a dizer a esse Deus.

Esse dado de a criação se tornar, pelo Evento Pascal de Cristo, habitação de Deus é um já e ainda não, pois este enunciado escatológico aponta para o futuro de Deus, onde ele será tudo em todos. Trata-se de uma experiência da nova presença de Deus. A escatologia da Trindade se apresenta como obra do Espírito Santo, que

⁹ MOLTSMANN, J., *Trindade e reino de Deus*, p. 115. Grifo do autor.

¹⁰ Este tema foi abordado no capítulo 2 desta nossa pesquisa, quando tratamos da revelação de Deus pela via da promessa, que é uma temática cara para J. Moltmann e um dado fundamental de sua teologia.

comunica o Novo, a vida de Cristo, como evento de transfiguração de tudo para a glória futura do Pai, para a plena correspondência livre do homem e da criação na eterna comunhão de amor da Trindade. É o Espírito Santo quem comunica aos homens a participação na vida de Deus e na Sua vitória sobre o mal e a morte, essa vida “qualitativamente nova para o presente e para o futuro”¹¹. O futuro da criação é a inabitação da Trindade, já experimentada na infusão e missão do Espírito Santo.

Esta *vida qualitativamente nova* é experimentada na fé, por obra do Espírito Santo. Atua a partir de dentro das contradições da história, pois um por todos, o Crucificado foi ressuscitado. Porém, é uma experiência que transborda universalmente e compromete os que, pela fé, participam dela. Nas palavras de J. Moltmann:

A experiência do Espírito não segrega os privilegiados do “resto do mundo”. A experiência por eles feita leva-os, muito mais, a uma solidariedade aberta com o mundo inteiro. Pois, os que eles experimentam é – *pars pro toto* – o início do futuro do mundo. A experiência do Espírito é a presença plena do Espírito, mas essa presença é a da glória futura que completa os tempos, e não a presença da eternidade que extingue o tempo passado. Por isso, tal experiência não subtrai os homens ao tempo, mas abre-os ao futuro do tempo¹².

Em que consiste este enunciado escatológico da Trindade? Consiste na sua universalidade, que é experimentada e testemunhada na fé e na existência cristãs, mas a caminho, com a irrenunciável tendência de abarcar toda a realidade. Não se trata de um futuro segregacionista, mas de um convite universal que compromete e qualifica o ser cristão no mundo, pois é participação no reinado universal do Filho. Homem e história estão abertos, assim como a Trindade revela-se aberta aos homens e ao seu mundo. Não há relação de justaposição entre mundo e Reino de Deus, nem a aniquilação deste mundo. Não se trata do eterno presente de Deus que desce para recuperar o que o mal destruiu, mas a completude do mundo nesse reinado e a glorificação desse reinado na justificação deste mundo. É a nova perspectiva da escatologia, entendida como escatologia performativa¹³, pois não se

¹¹ ANCONA, G., *Escatologia cristã*, p. 251.

¹² MOLTSMANN, J., *Trindade e reino de Deus*, p. 134. Grifo do autor.

¹³ Esta expressão reflete o grande salto qualitativo na escatologia. Tida por apêndice da teologia, que refletia sobre o além morte, passa a ser o viés por onde deve passar qualquer discurso sobre Deus, fomentando a esperança cristã. Para o estudo desta guinada na teologia católica, provocada pela teologia protestante, destacamos: LIBANIO, J. B.; BINGEMER, M. C., *Escatologia cristã*, pp. 19-73. Um desdobramento interessante da escatologia performativa no Magistério Eclesial podemos encontrar em: BENTO XVI, *Spe salvi*, nn. 2 e 10, para o destaque de que a boa nova não pode se restringir a um aspecto meramente informativo, podendo ou não abrir mão dela, mas deve perpassar

espera simplesmente o fim deste mundo, mas a sua justificação. “A esperança não pode ser, de modo algum, uma evasão, um escape, uma fuga para outro lugar. Ao contrário, a esperança deve ser sinônimo de penetração, de imersão plena, decidida e paciente, na própria veia da existência”¹⁴. De modo ainda mais incisivo, O. F. Piazza diz que o escatológico “é um valor que torna transparente o presente, que o torna significativo em relação ao futuro”¹⁵. O futuro de Deus é o novo irrompido na história, neste mundo. É um evento da esperança e na esperança, pois esse Novo, esse futuro, implica num posicionamento ativo para a fé cristã. O presente se torna aberto e significativo quando respira os novos ares do Reino de Deus, sendo contradição e transformação.

Podemos aplicar eclesiologicamente este enunciado escatológico nas palavras do Papa Francisco:

Saiamos, saiamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo! Repito aqui, para toda a Igreja, aquilo que muitas vezes disse aos sacerdotes e aos leigos de Buenos Aires: prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças. Não quero uma Igreja preocupada com ser o centro, e que acaba presa num emaranhado de obsessões e procedimentos. Se alguma coisa nos deve santamente inquietar e preocupar a nossa consciência é que haja tantos irmãos nossos que vivem sem a força, a luz e a consolação da amizade com Jesus Cristo, sem uma comunidade de fé que os acolha, sem um horizonte de sentido e de vida. Mais do que o temor de falhar, espero que nos mova o medo de nos encerrarmos nas estruturas que nos dão uma falsa proteção, nas normas que nos transformam em juízes implacáveis, nos hábitos em que nos sentimos tranquilos, enquanto lá fora há uma multidão faminta e Jesus repete-nos sem cessar: “Dai-lhes vós mesmos de comer” (Mc 6, 37)¹⁶.

A Igreja vive a sua nota escatológica não com os pés nas nuvens, mas na poeira e na lama da existência, a começar por aquela despedaçada em sua dignidade. É a Igreja que, assim como a Trindade, traz, suporta e ressignifica as marcas da paixão de Cristo. Deus não é falsa segurança em Sua apatia, mas ousadia do amor.

a existência cristã neste mundo, como propulsora de esperança. A fé cristã é a uma comunicação que gera vida. Trazemos ainda outras indicações sobre a temática da escatologia performativa: MOLTSMANN, J., *Teologia da esperança*, pp. 29-53; MOLTSMANN, J., *No fim, o início*; MOLTSMANN, J., *A vinda de Deus*. Estas três obras, particularmente, fundamentam este capítulo direta e indiretamente. KUZMA, C., *O futuro de Deus na missão da esperança*, pp. 52-78; ANCONA, G., *Escatologia cristã*, pp. 209-211; PIAZZA, O. F., *A esperança*, pp. 65-71 e pp. 139-154 e a aplicação da escatologia como valorização das relações humanas nas pp. 155-164. A escatologia performativa pelo viés do estudo da parusia em: BRUSTOLIN, L., *Quando Cristo vem*, pp. 53-81 e a aplicação desse estudo da parusia na práxis cristã nas pp. 116-163. BLANK, R., *Escatologia do mundo*, pp. 113-158.

¹⁴ PIAZZA, O. F., *A esperança*, pp. 65-66.

¹⁵ PIAZZA, O. F., *A esperança*, p. 143.

¹⁶ PAPA FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, n. 49.

A Igreja que o Papa Francisco quer e faz avançar é aquela que se move em atenção ao futuro de Deus que a tudo e a todos alcançou no amor. Nas palavras de J. Moltmann: “o cristianismo é total e visceralmente escatologia, e não só como apêndice; ele é perspectiva, e tendência para frente, e, por isso mesmo, *renovação, e transformação do presente*”¹⁷. Portanto, trata-se de uma esperança ativa, que luta pela justiça contra a injustiça, pela vida contra as estruturas de morte, pela humanidade contra as desumanizações. Compreender Deus como Trindade requer um paradigma novo, que é o da abertura fundamental. Por ser Trindade, Deus é aberto, Suas relações estão abertas à criação. Esta é igualmente aberta, não é um eterno devir, mas tensionada ao futuro, o futuro de Deus.

A abertura ao mundo é característica primordial do cristianismo. Nesta abertura, a fé cristã testemunha a Trindade como abertura ao mundo, de tal modo que este interpela a Trindade, a faz mover em amor, e amor padecente e justificador. Testemunha que a salvação é igualmente universal e integral como experiência de transfiguração em curso na história e que, apesar dos sinais de morte presentes, de fechamento ao outro e ao mundo que globalmente estamos vivenciando¹⁸, o futuro irrompido caminha para a sua plena realização, pois “pela *habitação do Espírito*, seja no coração, na comunidade, ou na nova criação, Deus se torna cada vez mais familiar no seu próprio mundo”¹⁹. Nas palavras do Papa Francisco:

Enquanto no mundo, especialmente nalguns países, se reacendem várias formas de guerras e conflitos, nós, cristãos, insistimos na proposta de reconhecer o outro, de curar as feridas, de construir pontes, de estreitar laços e de nos ajudarmos “a carregar as cargas uns dos outros” (Gal 6, 2)²⁰.

Reconhecer, curar, construir e estreitar são ações que indicam a significativa existência no mundo como uma experiência da esperança. Estas ações, intimamente conectadas, apontam para o dado escatológico da revelação da Trindade. No Envio e entrega do Filho, o Pai é revelado como Pai do Filho e nele, o Pai dos irmãos do Filho. Este evento se dá no Espírito. O Filho entregue corresponde à entrega do Pai.

¹⁷ MOLTSMANN, J., *Teologia da esperança*, 3ª ed. rev. e atual, p. 30. Grifo do autor.

¹⁸ Sugerimos a leitura da entrevista de Roger Haight ao IHU online. Nesta entrevista ele aborda a intolerância como marca da atual sociedade e aponta para o esforço de mutuo aprendizado, que em seu entender, é um passo além da tolerância. IHU, On-Line. *O longo caminho em busca do Outro: Entrevista especial com Roger Haight*. Disponível em: <<https://goo.gl/97sXqU>>. Último acesso em 31 de janeiro de 2017.

¹⁹ MOLTSMANN, J., *Trindade e reino de Deus*, p. 135. Grifo do autor.

²⁰ PAPA FRANCISCO, *Evangelii Gaudium*, n. 67.

Os amaldiçoados e abandonados são alcançados e acolhidos no abandono do Filho pelo Pai. O amor padecente do Pai encontra eco no abandono do Filho, e ali a correspondência de toda a Sua criação. Na exaltação do Filho, o Espírito Santo é infundido na carne como vivificador e justificador, cuja missão é a glorificação do Pai, fazendo irromper o reino da glória.

Um dado fundamental nesta compreensão escatológica da Trindade em J. Moltmann é que a salvação é, também, uma realidade na própria Trindade. Não é a salvação entendida como carência ou imperfeição de ser da Trindade, mas entendida no sentido de Sua glorificação, que tem na Pessoa do Espírito Santo sua ação. No seio dela, o Espírito Santo opera escatologicamente

na glorificação de Jesus como Senhor e da *glorificação* do Pai por meio dele (Fl 2, 10-11). Na medida em que o Espírito Santo renova os homens, aciona a nova comunidade solidária e liberta o corpo da morte, ele glorifica o Senhor ressuscitado e por ele o Pai. Essa glorificação do Pai pelo Filho, no Espírito, é a perfeição da criação. Em eterno júbilo – “a ele toda honra e glória pelos séculos dos séculos” (Ap 1,6) – ela exprime a sua felicidade completa. Isso é a *festas eterna* do céu e da terra com Deus, que torna a sua alegria perfeita. O Espírito Santo glorifica a Jesus, o Filho, e, por ele, o Pai. Ele o faz por intermédio dos homens e das coisas que ele assume, transforma e transfigura. Os homens e as coisas, assim, são recebidos no seio da glória intratrinitária do Filho e do Pai, por obra do Espírito. Com isso, eles também são unificados com Deus e em Deus²¹.

Neste ponto, J. Moltmann reflete a Pessoa do Espírito Santo. Ele é o glorificador, desde toda a eternidade, do Filho e do Pai²². Nosso autor compreende esta ação na revelação trinitária do Evento Pascal de Cristo. Neste evento, o Espírito Santo glorifica Jesus como Senhor e o Pai nesta glorificação de Jesus. Mas não o faz sem a criação, que é obra do amor de Deus cuja intencionalidade e fundamento é a Encarnação do Filho. Damos enfoque à prioridade de ações, na citação acima: *renova*, pois informa o amor gratuito de Deus no coração da humanidade; *aciona* este homem renovado como comunidade solidária, chamada a trabalhar pela transformação da realidade de morte para realidade de vida; e *liberta* o homem e o

²¹ MOLTSMANN, J., *Trindade e reino de Deus*, pp. 135-136. Grifo do autor.

²² Cf. MOLTSMANN, J., *O Espírito da vida*, pp. 22-25. Aqui o nosso autor trata da problemática da personalidade do Espírito Santo, como uma introdução. Entende que a personalidade da Terceira Pessoa da Trindade se compreende nas relações intra-trinitárias e, de suas ações, se deve manter a transcendentalidade da experiência. Aponta, igualmente, as tentativas nas teologias protestante e católica de refletir a personalidade do Espírito Santo, em Berkhof e Mühlén, respectivamente; e nesta obra citada, propõe “desenvolver uma *pneumatologia trinitária* a partir da experiência da teologia do Espírito Santo” p. 25. O Estudo sistemático da personalidade do Espírito Santo está no capítulo XII da obra citada nesta nota, nas pp. 250-286.

mundo das correntes da morte, sendo Espírito da ressurreição. Este homem renovado, acionado comunitariamente em esperança e liberto é a glória de Deus. Mas esta ação está orientada escatologicamente, pois “é precisamente o prólogo de uma vida nova”²³. A criação, a partir do seu sofrimento transformado em louvor, retroage, pelo Espírito Santo, como glorificação do Filho e do Pai por meio desta.

O cântico dos redimidos é a alegria eterna de Deus, que se move em aflição para a sua libertação. A aflição divina é entendida como um assumir a dor para transformá-la em glória, e esta, em louvor da criação. Deus assume Sua criação padecente para transformá-la. É no *amplo espaço vital do Espírito Santo*²⁴ que compreendemos o amor de Deus pela vida de Sua criação e a “Sua ira contra todas as forças que pretendem destruí-las”²⁵. Esta ação, como citado acima, já acontece no seio da Trindade por obra do Espírito Santo, e escatologicamente no seio da criação por obra no mesmo Espírito.

O enunciado escatológico da Trindade é uma experiência aberta de comunhão. Nela encontra espaço a atuação do Espírito Santo, que “é expansão e união, é diversidade e comunhão, numa palavra, é amor que revela os outros e se revela pelos outros”²⁶. Uma comunhão entre Iguais, que se abre à comunhão com os desiguais, o homem e a criação. Uma comunhão de vida que tem o Amor como o que há de comum entre Iguais e desiguais, Amor que une e diferencia sempre em liberdade. A comunhão futura com Deus não será uma confusão indiferenciada, mas uma abertura para relações mútuas, vivas e transbordantes²⁷. Nas palavras de J. Moltmann:

O Deus uno e trino, na unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo, é Ele próprio uma comunidade aberta e acolhedora, na qual a criação inteira encontra espaço: “para que eles também estejam *em nós*”, reza o Jesus joaneu (Jo 17,21). A comunhão do Espírito Santo “com todos vós” (2Cor 13,13) corresponde à sua comunidade com o Pai e o Filho. Não é apenas uma ligação exterior da natureza com o ser divino, mas procede da riqueza interior de comunicação das relações do Deus uno e trino, que a

²³ MOLTSMANN, J., *O Espírito da vida*, p. 147.

²⁴ Cf. MOLTSMANN, J., *O Espírito da vida*, pp. 19-21. Nestas páginas introdutórias, e que dão o tom desta obra, J. Moltmann reclama uma pneumatologia que abarque a ação do Espírito Santo desde a criação, que trate da “unidade das obras de Deus na criação, redenção e santificação” p. 20. Ver também: JOÃO PAULO II, *Dominum et vivificantem*, nn. 10-14. Nestes números são abordados a personalidade do Espírito Santo e a sua atuação pessoal nas obras de Deus.

²⁵ MOLTSMANN, J., *O Espírito da Vida*, p. 172.

²⁶ BOFF, Leonardo, *A Trindade e a sociedade*, p. 317.

²⁷ Cf. MOLTSMANN, *O Espírito da Vida*, pp. 207-249. Aqui, J. Moltmann fundamenta a comunhão trinitária na experiência do Espírito como interpelação à pessoa, à comunidade e à sociedade ao rompimento das dinâmicas de enclausuramento para a dinâmica da abertura fundamental ao outro, a Deus e ao mundo.

abre para os homens, da mesma maneira como acolhe nela estes homens e todas as demais criaturas a fim de que encontrem a vida eterna. Segue-se daí que a “comunhão do Espírito Santo” deve ser compreendida como *comunhão pessoal* trinitária, e não como uma *comunhão essencial* unitária²⁸.

A comunhão para a qual somos admitidos e que aponta escatologicamente para a glorificação de toda a criação e, nela, da Trindade, é uma comunhão que é Deus mesmo. Não se trata de mera ligação exterior, mas é o próprio dom de Deus. É ele próprio o dom. Este é o *Weiter Raum*, é o *lugar espaçoso* da graça que nos alcança desde já, nos movendo em esperança na glorificação escatológica de toda criação, enquanto atuamos pela transfiguração deste mundo. Nesta comunhão o cristão é chamado a estabelecer laços fraternos com a sociedade, laços significativos de fraternidade empenhada na libertação de toda e qualquer estrutura de indignidade e morte.

A unidade da Trindade, que consiste na união das Pessoas divinas²⁹, na recíproca comunhão de amor que une e diferencia, encontra aqui seu sentido escatológico. O Deus cristão, uma vez mais, não é compreendido num monoteísmo geral e indiferenciado, que restaria por aplicar noções metafísicas de impassibilidade e indiferença a Deus. Nas palavras de J. Moltmann:

A unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo apresenta-se então como a questão escatológica da consumação da história trinitária de Deus. A unidade das três pessoas dessa história, conseqüentemente, deve ser entendida como uma *unidade comunicativa*, e como uma *unidade aberta, invitativa [sic] e integradora*. Não é possível imaginar a *homogeneidade* da substância divina como sendo comunicativa e aberta ao outro, pois nesse caso deixaria de ser homogênea³⁰.

Unidade aberta, convidativa e integradora são as características fundamentais da afirmação do Deus cristão como Amor. É nesta afirmação que se encontra o futuro de Deus na glorificação da criação. Deus é Amor criador, que se abre ao criar, recolhendo-se; que completa a Sua *Kênosis* na cruz de Cristo e que tudo

²⁸ MOLTSMANN, J., *O Espírito da vida*, p. 208. Grifo do autor.

²⁹ Esta compreensão da unidade da Trindade recebeu críticas de G. Greshake, que levanta a suspeita de uma certa *concepção triística da pessoa* na teologia trinitária de J. Moltmann, cf. GRESHAKE, G., *El Dios uno y trino*, pp. 210-213. O contraponto à crítica de G. Greshake cf. BOFF Leonardo, *Trindade e sociedade*, pp. 188-190. Leonardo Boff entende positivamente essa contribuição de J. Moltmann, no sentido da afirmação de que “Deus é uma Comunidade de Pessoas e não simplesmente o Uno” p. 189. Esta imagem favorece a desconstrução da imagem do Reino de Deus como um domínio de senhor sobre os seus vassallos, e desconstrução das correlações dessa dominação nas diversas organizações sociais da humanidade. A sistemática própria acerca da Unidade de Deus em sua comunhão, que entendemos acompanhar J. Moltmann, está nas pp. 193-239.

³⁰ MOLTSMANN, J., *Trindade e reino de Deus*, p. 160. Grifo do autor.

restaura a partir da ressurreição Seu Filho, de onde o Espírito Santo, Espírito vivificador e justificador, desce e habita o coração do homem, chamando-o à vida. A inabitação da Trindade na criação é o dado escatológico desta mesma criação, que vive em Deus³¹. A comunhão que se abre e convida a criação para dela tomar parte de modo recíproco é a mesma comunhão de amor que é Deus mesmo, porque “o Deus uno e trino ama o mundo exatamente com o mesmo amor que *é ele mesmo*”³². Não há uma diferenciação anuladora entre o *Deus em si* e o *Deus para nós*: um segue o outro. É o mesmo Deus que ama, que convida e que se abre para que todo ser criado viva, por que é Amor desde toda a eternidade.

Como vimos, o enunciado escatológico da revelação da Trindade é a Sua inabitação inaugurada e futura na criação, a partir do homem. Esta inabitação se caracteriza por relações vivas de comunhão no amor. Não obstante, a vida continua como um peregrinar, entre sombras e luzes, na esperança. É obra do Espírito Santo conduzir tudo para a glória de Deus. Nele a criação que geme e o homem que clama transformarão seu gemido e clamor em louvor, pois está em processo a destruição das estruturas do mal. Por isso, a vida cristã é radicalmente comprometida com a vida, a começar pela vulnerável.

Apontamos, a seguir, para a concretização dessa comunhão convidativa de amor na vida do homem, vítima e agente do mal. Ambos são seus prisioneiros, e destinatários operativos da justiça e da misericórdia como modo novo de coexistir. Na perspectiva do amor trinitário que a tudo transforma, são chamados a uma nova postura de vida, onde as vítimas exercem um valioso papel de romper o círculo da inimizade e como medida justificadora de Deus.

4.2.

Vítimas e agentes do mal na perspectiva escatológica da comunhão amorosa e justificadora da Trindade

O enunciado escatológico da Trindade como Sua inabitação no coração dos fiéis, que ao mesmo tempo é universal, abre o homem, a comunidade e a sociedade

³¹ Cf. MOLTSMANN, J., *Vida, esperança e justiça*, pp. 97-101. Neste tópico, sobre a escatologia trinitária, J. Moltmann destaca o tensionamento para o futuro no conceito inabitação da Trindade no homem, análogo a experiência do êxodo.

³² MOLTSMANN, J., *Trindade e reino de Deus*, p. 162. Grifo do autor.

ao futuro de Deus. Trata-se, para o homem alcançado pela graça justificadora, de um colocar-se a caminho, enquanto se espera a realização plena da justificação e glorificação de toda a criação. E este caminho se faz na perspectiva do amor, como participação na comunhão da Trindade aberta ao mundo.

O mandamento divino começa com o amor. A comunidade cristã, em sua experiência com Cristo, aprendeu uma síntese fundamental, que deita raízes no Antigo Testamento e avança para uma nova perspectiva: Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo³³, este último em seu sentido mais profundo, nas palavras de Cristo segundo o quarto evangelho: “amai-vos uns aos outros, como eu vos amo”³⁴.

O amor cristão é fundamentalmente dirigido a todos, especialmente aos inimigos: “Amai os vossos inimigos”³⁵, conforme podemos observar no grande sermão da montanha. Deste mesmo sermão, dirigido por Jesus aos Seus discípulos, tiramos a justificativa para esse mandamento do amor voltado aos inimigos, pois lá diz Jesus que Deus “faz nascer o sol tanto sobre os maus como sobre os bons, e faz chover sobre os justos e sobre os injustos”³⁶. Esse amor só é possível quando se parte do amor de Deus, o sol da justiça que garante o direito às vítimas e justifica o agente do mal. Mais. O amor aos inimigos, uma nota específica do amor cristão ao mundo, traz consigo uma reserva escatológica da reunião de *todos* em Deus e de Deus em *todos*, como se pode intuir nas experiências de comensalidade de Jesus com todos, pecadores odiados e perseguidos, e os autojustificados.³⁷ Nestas experiências, todo dano causado pelos agentes do mal é sanado às suas vítimas e uma vida nova se inaugura para ambos³⁸.

Como vimos, a justiça cristã se opõe à lógica do olho por olho, dente por dente. Amar os inimigos é o grande desafio. A justiça cristã é criativa, aberta ao futuro³⁹. No dizer de C. Mendonza-Álvarez: “Desconstruir a rivalidade é o desafio

³³ Cf. Mc 12,30-31.

³⁴ Jo 15,12.

³⁵ Mt 5,44.

³⁶ Mt 5,45.

³⁷ C. Mendonza-Álvarez traz uma excelente reflexão, a partir da teologia pós-moderna, do papel das vítimas no dismantelamento do círculo da violência, apontando o dado escatológico do amor como normativa da história. Em: MENDONZA-ÁLVAREZ, C., *Deus ineffabilis*, pp. 377-385.

³⁸ Cf. Lc 19,1-10.

³⁹ No Pánel do dia 21 de setembro – prevista na programação do Seminário Internacional de Teologia promovido pela Faculdade Unida de Vitória –, com o tema: *Vida, Justiça e Esperança*, J. Moltmann apresentou, aqui de modo sucinto, duas formas de justiça oriundas das sagradas escrituras o Sol da justiça e a balança da justiça. A *primeira*, que vem da tradição babilônica, refere-se à

histórico das vítimas e de seus sobreviventes nesta hora incerta para a humanidade presa na espiral da violência e do ódio”⁴⁰.

Perguntando-se sobre a possibilidade do amor aos inimigos, J. Moltmann atenta para o fato de que a simples retribuição do mal com o mal, a vingança, ainda que traga a sensação de restituição da autoestima ferida por quem perpetrou a ofensa, traz consigo o vazio; tampouco aceitar e tolerar passivamente o mal produzido pela ação dos outros é capaz de curar a ferida aberta. Aponta, então, para uma terceira via, que é a da “transformação da inimizade em amor ao inimigo”⁴¹. J. Moltmann reflete a perícopos de Mt 5, 44-45, que citamos acima. Aponta três passos para a superação da inimizade pelo “poder transformador da vida”⁴², que aqui se configura como amor aos inimigos.

O primeiro consiste em “não permitir que o inimigo imponha a inimizade, mas libertar-se a si mesmo dessa imposição sempre iminente”⁴³, e com isso, não partir para a lógica da reciprocidade; o segundo, o reconhecimento do outro, e não a sua demonização, pois “ele possui a mesma dignidade humana e os mesmos direitos humanos que eu reivindico para mim”⁴⁴; e o terceiro passo, ir aos fundamentos da agressão, “porque as agressões se originam, na maioria das vezes, de ofensas sofridas”⁴⁵. É a configuração da compaixão e busca comum de cura. Em suma, a razão do amor ao inimigo, no dizer de J. Moltmann:

O amor ao inimigo não é uma ética da convicção, como, segundo Max Weber, muitos assim chamados políticos realistas [*Realpolitiker*] parecem supor. O amor ao inimigo é uma ética da responsabilidade realista. Ela exige assumir responsabilidade não apenas pela própria vida e pela vida dos seus, mas também pela vida dos inimigos e

imagem do *sol da justiça*. Quando esse sol vem a criação se alegra (Sl 69). O sol da justiça quando se mostra transforma a natureza, transforma as relações. É uma justiça criadora, criativa e redentora: isso é o sol da justiça. A *segunda* forma, de origem egípcia, refere-se à *imagem da balança do deus Anúbis*. Na balança de Anúbis são colocadas as ações boas, de um lado da balança, e as más, de outro. Lamentavelmente essa concepção de justiça foi absorvida pela igreja. O deus Anúbis foi transformado no Arcanjo Miguel. Essa ideia de justiça é uma justiça revanchista. O bem pago com o bem, o mal, com o mal. Não há nada de cristão na balança da justiça; a justiça de Deus é justificante e redentora. A justiça de Deus não é revanchista, mas criativa e redentora. Este painel pode ser acessado no canal do youtube do referido Seminário Cf. FACULDADE UNIDA. SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE TEOLOGIA (2016), *Painel 03: vida, esperança e justiça*. Disponível em: <<https://goo.gl/fMEZZB>>. Último acesso em 16 de janeiro de 2017. O Desenvolvimento dessa temática cf. MOLTSMANN, J., *Ética da esperança*, pp. 206-222.

⁴⁰ MENDONZA-ÁLVAREZ, C., *Deus ineffabilis*, p. 383.

⁴¹ MOLTSMANN, J., *Ética da esperança*, p. 238.

⁴² MOLTSMANN, J., *Ética da esperança*, p. 238.

⁴³ MOLTSMANN, J., *Ética da esperança*, p. 239.

⁴⁴ MOLTSMANN, J., *Ética da esperança*, p. 239.

⁴⁵ MOLTSMANN, J., *Ética da esperança*, p. 239.

pela vida dos deles, assim como o sol brilha sobre maus e bons e oferece a vida a todos⁴⁶.

Este dado refletido por J. Moltmann traz uma luz na ruptura com a espiral do mal vigente na sociedade, pautada no revanchismo e no fechamento ao outro, que é preconcebido como inimigo, como oponente. Vide as posturas segregacionistas da atual política de imigração dos Estados Unidos sob o governo de D. Trump e um exacerbado protecionismo cultural europeu, que nada mais faz além de sepultar o que há de humanização e dignidade como valores até então hasteados pelos países que a compõem. De fato, amar os inimigos é fruto de um empenho racional, de uma firme decisão de atuar pelo bem, pela concórdia, pela compaixão e pela solidariedade. Para o cristão é uma decidida opção por entrar na lógica da comunhão escatológica do amor de Deus. Mas de que modo opera a comunhão trinitária para a superação da inimizade pela via do amor?

No desenvolvimento deste subcapítulo identificamos as vítimas e os agentes do mal como aprisionados pelo mal sofrido e infligido, e apontamos para a compreensão de J. Moltmann da cruz e ressurreição como estabelecimento da justiça para ambos⁴⁷. Verificamos, então, a ação justificadora da Trindade no coração da humanidade, dividida pelas forças do mal entre vítimas e agentes. O Deus revelado no Evento Pascal de Cristo não pode ser reconhecido como indiferente a quem sofre, e igualmente não pode ser reconhecido como o aniquilador do homem perverso, ainda que este viva imerso nas trevas da maldade. O Deus amoroso é libertador⁴⁸.

Um primeiro dado que J. Moltmann reflete é que o mal aprisiona tanto a vítima quanto os culpados das ações más. Ambos não podem viver na liberdade, se

⁴⁶ MOLTSMANN, J., *Ética da esperança*, p. 240. Grifo do autor.

⁴⁷ A temática do Crucificado ressuscitado foi trabalhada no capítulo precedente, nesta nossa pesquisa, que retomamos aqui como síntese e memória para o desenvolvimento desta ação transformadora do evento pascal de Cristo nas vítimas e nos agentes do mal.

⁴⁸ Cf.: MOLTSMANN, J., *No fim, o início*, p.71. O sugestivo título do capítulo onze desta obra já dá o tom da reflexão de J. Moltmann sobre a justificação cristã: *Livrai-nos do mal, ao invés de perdoai a nossa culpa*. Neste capítulo, nosso autor tece crítica à doutrina medieval da reconciliação e seu desdobramento em Trento, bem como a compreensão luterana da mesma. Segundo J. Moltmann, essas doutrinas levam em conta apenas a culpa do agente do mal, referente a lei ou preceito transgredidos, não levando em conta as vítimas e muito menos a condição de futuro que a justificação que Deus realiza em ambos. Não entraremos aqui nesta questão, pois daria um tratado, certamente. Mas trazemos a contribuição de uma perspectiva nova de justificação que J. Moltmann resgata da teologia paulina, fundamentando na cruz e ressurreição de Cristo a justiça de Deus para as vítimas e os agentes do mal, resgatando aí a sua condição de futuro na vida nova inaugurada neste tempo escatológico.

essas amarras não forem desfeitas. E mais, esse aprisionamento, se não for desfeito, levaria inevitavelmente à aniquilação de um pelo outro. Nesta mesma linha, apontando a ruptura com a lógica da violência, reflete W. Kasper:

Mas à pergunta “aonde iríamos parar se renunciássemos à violência e apostássemos no perdão?”, pode-se responder com esta outra: “aonde iríamos parar se não existisse perdão e absolvição, se saíssemos de cada injustiça de que somos vítimas com uma nova injustiça – olho por olho, dente por dente? Depois das terríveis experiências de abominação do século XX, o problema do perdão e do amor aos inimigos ganhou uma nova atualidade e levou, nalguns círculos, à reorientação absolutamente necessária do pensamento⁴⁹.”

Esta novidade da justiça que se enraíza na morte e ressurreição de Jesus, que tem por imagem o sol da justiça de Deus que brilha sobre todos, bons e maus, não significa esquecimento do mal praticado e silenciamento das vítimas. Mas é o contrário. O mal é uma realidade aprisionadora e desumanizadora, na qual definha-se o coração humano a ponto de se desesperar e de se tornar tão insensível, que a sua capacidade de amar se extingue. Assim J. Moltmann afirma: “se as vítimas não forem libertadas do mal, também os culpados não o serão. De ambos os lados deve acontecer a justiça: deve ser feita justiça às vítimas – os culpados devem ser levados à justiça”⁵⁰. O não esquecimento das vítimas é fundamental para a restituição da justiça, se não se quer cair no reducionismo de uma teologia expiatória⁵¹. A libertação do mal não se efetiva pela lógica da reciprocidade do mal com o mal, mas na opção por agir segundo Deus, que faz brilhar o sol da justiça para todos. A memória do Cristo vítima junto às memórias de todas as vítimas são os parâmetros da justiça divina.

Na escuridão do mal dois clamores são levantados: o das vítimas, que clamam pela justiça de Deus e o dos culpados, que clamam pela não existência de Deus e de Sua justiça⁵². As estruturas do mal falam mesmo desta ausência sentida, da parte das vítimas, e querida, da parte dos culpados. Mas haverá vida neste círculo de

⁴⁹ KASPER, W., *A misericórdia*, pp. 175-176. Indicamos a leitura completa desse tópico, pois segue e complementa essa perspectiva da justiça divina para vítimas e agente do mal que abordamos nessa parte de nossa pesquisa, nas pp. 172-176.

⁵⁰ MOLTMANN, J., *No fim, o início*, p.71.

⁵¹ Fazemos referência ao simples perdoar a culpa do algoz como reconciliação apenas de sua consciência perante o mal que fez, mas sem levar em conta a reconciliação necessária a ser feita com a sua vítima. Esta lógica está presente nas teologias expiatórias como hermenêutica da salvação realizada na cruz e ressurreição de Cristo. A sistemática deste tema pode ser encontrada em: KESSLERM, H., *Cristologia*, pp. 374-382. In: SHNEIDER, T (Org.), *Manual de dogmática*, Vol 1, pp. 219-400.

⁵² Cf. MOLTMANN, J., *No fim, o início*, p.76.

morte? Ambos os lados são expropriados de seu futuro e de sua paz. É nesta realidade de sofrimento que abarca cada homem e cada mulher que a revelação de Deus como Amor deve arcar com todas as consequências de solidariedade e de libertação. Falar de um Deus apático e impassível é um insulto às dignidades humana e divina. Insistir numa existência cristã apática e sem comprometimento com os vulneráveis e com os culpados é um desvio da própria missão cristã, ou uma profissão de desespero do falso entendimento de que o governo deste mundo está nas mãos do destino e do acaso.

A grande questão que se levanta para a fé cristã é pela justiça da história em que nos encontramos envolvidos. Se forem o acaso e o destino que governam a história, então não poderá existir justiça. Mas não é assim que a fé cristã entende a história, marcada pela virtude da esperança que move a mesma na direção do futuro de Deus. É o que Bento XVI afirma na *Spe salvi*, sintetizando um comentário de São Gregório Nazianzeno sobre a visita dos Reis Magos ao Menino Jesus, invertendo a concepção da astrologia de que são os elementos cósmicos que governam o destino dos homens:

Não são os elementos do cosmo, as leis da matéria que, no fim das contas, governam o mundo e o homem, mas é um Deus pessoal que governa as estrelas, ou seja, o universo; as leis da matéria e da evolução não são a última instância, mas razão, vontade, amor: uma Pessoa. E se conhecemos esta Pessoa e Ela nos conhece, então verdadeiramente o poder inexorável dos elementos materiais deixa de ser a última instância; deixamos de ser escravos do universo e das suas leis, então somos livres. Tal consciência impeliu na antiguidade os ânimos sinceros a indagar. O céu não está vazio. A vida não é um simples produto das leis e da casualidade da matéria, mas em tudo e, contemporaneamente, acima de tudo há uma vontade pessoal, há um Espírito que em Jesus Se revelou como Amor⁵³.

Nas palavras de J. Moltmann, no domínio do acaso e do destino “as vítimas estão desgraçadamente entregues aos seus sofrimentos e os agentes do mal são abandonados a si próprios com sua culpa”⁵⁴. Na compreensão cristã da história, quem a governa é a Trindade em Seu amor justificador e criador da nova vida inaugurada e por se estabelecer definitivamente em toda a criação. Então há justiça para esse mundo. E se há justiça, há esperança.

De que modo Deus faz justiça? “Deus, como juiz, faz justiça às vítimas e, do lado dos agentes, restabelece a justiça. [...]. Em meio a este mundo injusto e

⁵³ BENTO XVI, *Spe salvi*, n. 5.

⁵⁴ MOLTSMANN, J., *No fim, o início*, p.80.

perverso, começa o reino de Deus e a Sua justiça, um mundo justo, que corresponde a Deus”⁵⁵. São duas as direções da justiça de Deus, na perspectiva do Seu reino.

Em primeiro lugar, conforme o testemunho bíblico, Deus é solidário e se identifica com os indefesos. “Segundo o testemunho da *bíblia*, Deus sente afeto pelo ser humano, sofre conosco e alegra-Se e entristece-Se por nós e conosco”⁵⁶. Ele não apenas faz justiça, como sofre a injustiça junto às vítimas, como podemos aferir no discurso escatológico de Mt 25, segundo as palavras de J. Moltmann: “Quando se faz justiça aos que não têm direito, então junto a eles começa a revelar-se a justiça de Deus neste mundo. Se o Deus justo está presente junto a eles, com eles se inicia o julgamento de Deus sobre este mundo”⁵⁷. Jesus Cristo é a presença de Deus junto ao povo e o irromper do reino messiânico neste mundo. Assim se pode ler os relatos das curas não como um gesto mágico, mas para indicar que este mundo adoecido encontra salvação e vida com a presença de Deus⁵⁸. O tempo messiânico chegou e é reconhecido no gesto de Jesus tomar refeição com pecadores e publicanos, restabelecendo a comunhão perdida entre auto justificados e humilhados, pois “Jesus é portador do reino de Deus e de sua justiça para o submundo dos rebaixados e humilhados, abrindo as portas das suas prisões interiores de autodesprezo”⁵⁹.

É na Paixão de Jesus pelas vítimas do mal que se revela a solidariedade de Deus para nós, os abandonados:

Na vida de Jesus é possível identificar uma clara tendência para baixo. É a tendência do amor de doação [...]. Jesus considerava significativo o que era desamparado, e como querido por Deus tudo o que fosse excluído pelo mundo [...]. Aos que a sociedade negou qualquer futuro, ele anunciou o futuro do reino dos céus: “os últimos não serão desprezados”, mas “os últimos serão os primeiros”⁶⁰.

A sociedade em que vivemos é marcada pela estrutura da iniquidade. A sociedade de consumo relega para a categoria dos *sem valor* milhões de pessoas, pois vivem em condições de miséria extrema. A Natureza já demonstra claros sinais de esgotamento, por causa da existência humana insustentável. Um Deus solidário que desce a esses humilhados, levando-os a respirar ares de dignidade e justiça,

⁵⁵ MOLTSMANN, J., *No fim, o início*, p.81.

⁵⁶ KASPER, W., *A misericórdia*, p. 151. Grifo do autor.

⁵⁷ MOLTSMANN, J., *No fim, o início*, p.83.

⁵⁸ Cf. MOLTSMANN, J., *No fim, o início*, p.84.

⁵⁹ MOLTSMANN, J., *No fim, o início*, p.88.

⁶⁰ MOLTSMANN, J., *No fim, o início*, p.89.

torna-se com eles também vítima. Estes últimos são os que verdadeiramente importam. É isto que revela o caminho da cruz de Cristo que outra coisa não é, senão uma “dedicação sem medida aos abandonados até às últimas consequências”⁶¹.

Ainda mais incisiva é a seguinte afirmação de J. Moltmann:

mediante a sua paixão [de Jesus Cristo], traz o amor de Deus para aqueles que são humilhados e esvaziados como ele próprio. Sua cruz está entre as inúmeras cruces que costuram o caminho sangrento dos detentores e agentes da violência da história humana, de Spartacus aos campos de concentração e morte da ditadura alemã de Hitler, dos “desaparecidos” das ditaduras militares latino-americanas, aos aniquilados do Arquipélago Gulag do império soviético⁶².

E continuamos com esta lista sangrenta, apontando o sistema prisional brasileiro, a Síria e os muros erguidos Europa a fora – onde deveriam existir pontes – que em nome de sua intocável cultura, sepultam a dignidade e o futuro dos migrantes da violência em nome de Deus. O sofrimento de Jesus é inclusivo, Sua cruz é a Sua solidariedade com as vítimas de todos os tempos e de todas as situações de violência. De modo ainda mais profundo, são as vítimas, e não as leis e os preceitos, que julgarão o mundo e que já o julgaram naquele que se fez abandonado e morreu em solidariedade aos abandonados e mortos pela violência.

Se do lado das vítimas a morte de Cristo na cruz se traduz em solidariedade, para os agentes do mal ela se traduz em “cristologia vicária”⁶³. *Este é o segundo ponto da reflexão de J. Moltmann sobre o alcance da cruz de Cristo, agora voltado para aqueles que praticam o mal. O ponto de partida para a compreensão deste alcance é a Sua ressurreição. É a reconciliação que só pode ser alcançada como dom do Ressuscitado, como obra de Deus que estabelece um novo início de vida. No dizer de J. Moltmann:*

Tomemos a imagem da dor de Deus. O sofrimento de Deus é importante para ambos, tanto para as vítimas como para os servos do pecado: reconhecê-lo é para as vítimas um alívio para a tortura da memória, e para os servos do pecado é libertação da violência de suas repressões. Também Deus não pode fazer com que algo não tenha ocorrido, mas pode soltar as cadeias que prendem o presente ao passado, abrindo as perspectivas de um novo futuro⁶⁴.

⁶¹ MOLTSMANN, J., *No fim, o início*, pp. 89-90.

⁶² MOLTSMANN, J., *No fim, o início*, p.90.

⁶³ MOLTSMANN, J., *No fim, o início*, p.92.

⁶⁴ MOLTSMANN, J., *No fim, o início*, p.94.

É neste sentido de futuro que a teologia da expiação do pecado como hermenêutica da cruz de Cristo perde sua sustentação. A cruz não deve ser compreendida sem a ressurreição. E a ressurreição encontra seu sentido escatológico neste sofrimento e morte de cruz pela humanidade. Trata-se de uma ação voltada para o futuro da criação, que não nega o tempo presente, mas realiza nele o irromper do Reino que transforma a memória de dor em canto de libertação. O sofrimento vicário de Cristo por nós e para a nossa justificação traz “o próprio Deus para dentro dos abismos do abandono, para assim ressuscitar esses perversos para um novo início”⁶⁵. Mais ainda, somente levando em conta a ressurreição de Cristo que a teologia avança na afirmação de que ela “abre às vítimas e aos agentes do mal o novo mundo da vida eterna”⁶⁶. Deus mais que se identifica com os abandonados, assume-os e os justifica, assim como justifica os maus.

Segundo J. Moltmann, a força da ressurreição destrói as cadeias do mal, pois dela irrompe a graça superabundante. “Esse valor excedente da graça opera na libertação das cadeias que prendem vítimas e agentes ao passado, em vista da vida nova e comunitária, nas forças da justiça de Deus”⁶⁷.

No caminho de reconciliação entre vítima e culpado se insere uma memória igualmente justificada, onde o passado não mais condiciona o presente sem, no entanto, ser esquecido. A recordação do passado, por força da reconciliação realizada na cruz e ressurreição de Cristo, abre o presente para um outro futuro, um futuro de justiça⁶⁸.

Para ilustrar essa reflexão, trazemos parte do discurso do Papa Francisco proferido na Polônia, por ocasião da celebração da trigésima primeira Jornada Mundial da Juventude, onde ele exalta a construção da memória do povo polaco, não como condicionante do presente, mas como uma memória grávida de futuro:

na vida diária de cada indivíduo e também de cada sociedade, há dois tipos de memória: a boa e a má, a positiva e a negativa. A memória boa é aquela que a Bíblia nos mostra no Magnificat, o cântico de Maria, que louva o Senhor e a sua obra de salvação. Ao contrário, a memória negativa é aquela que mantém o olhar da mente e do coração obsessivamente fixo no mal, a começar pelo mal cometido pelos outros. Vendo a vossa história recente, agradeço a Deus porque soubestes fazer prevalecer a memória boa, celebrando, por exemplo, os cinquenta anos do perdão, mutuamente oferecido e recebido, entre os episcopados polaco e alemão, depois da II Guerra

⁶⁵ MOLTSMANN, J., *No fim, o início*, p.95.

⁶⁶ MOLTSMANN, J., *No fim, o início*, p.96.

⁶⁷ MOLTSMANN, J., *No fim, o início*, p.97.

⁶⁸ Cf. MOLTSMANN, J., *Dio nel progetto del mondo moderno*, p. 183.

Mundial. Apesar de a iniciativa envolver inicialmente apenas as comunidades eclesiais, todavia desencadeou um processo social, político, cultural e religioso irreversível, mudando a história das relações entre os dois povos. E, na mesma linha, recordamos também a Declaração Conjunta entre a Igreja Católica da Polônia e a Igreja Ortodoxa de Moscou: um ato que deu início a um processo de aproximação e fraternidade não apenas entre as duas Igrejas, mas também entre os dois povos.

Assim a nobre nação polaca mostra como se pode fazer crescer a memória boa e deixar para trás a má. Para isso, requer-se uma esperança e confiança firmes n'Aquele que guia os destinos dos povos, abre portas fechadas, transforma as dificuldades em oportunidades e cria novos cenários onde parecia impossível. Disto mesmo dão testemunho as vicissitudes históricas da Polônia: depois das tempestades e das trevas, o vosso povo, restabelecido na sua dignidade, pôde cantar, como os judeus no regresso de Babilônia: “Parecia-nos viver um sonho. A nossa boca encheu-se de sorrisos e a nossa língua de canções” (Sal 126/125, 1-2)⁶⁹.

Fazer memória sem se deixar condicionar pelo passado recordado é um dado fundamental do agir em esperança. É esse agir escatológico das vítimas que pode promover uma nova construção do “perdão no seio de uma história violenta”⁷⁰, por meio de uma memória, construída por elas mesmas, integrada na memória histórica da humanidade. O mundo caminha sempre na dupla via do esquecimento das barbáries, e conseqüente recaída nelas, e recordação das mesmas com as promessas de nunca mais voltar a manchar a história com fatos atrozes. Hoje⁷¹ gritam pela ditadura militar no Brasil e pela volta do movimento nazista reverberado em vários cantos do mundo. Estamos em plena era do suicídio coletivo, pelo programa nuclear vigente⁷². As desolações das guerras parecem ter sido removidas da memória dos povos. A memória da ditadura parece não ter sido suficientemente transmitida às novas gerações brasileiras, que vociferam pela volta dos militares ao poder. Só a memória reconciliada pode promover a paz, e pode sustentar a esperança em seu mover o mundo e a história rumo ao futuro de Deus⁷³.

⁶⁹ PAPA FRANCISCO, *Discurso do Santo Padre no encontro com as autoridades, a sociedade civil e o corpo diplomático*, disponível em <<https://goo.gl/3ooSVt>>. Último acesso em 16 de janeiro de 2017.

⁷⁰ MENDONZA-ÁLVAREZ, C., *Deus ineffabilis*, p. 385.

⁷¹ Em várias manifestações populares no Brasil ocorridas em 2016, o grito contra a corrupção foi na verdade uma expressão de ódio, trazendo à memória o horror da ditadura militar brasileira, no desejo de seu nefasto retorno. Diversas expressões de ódio se radicalizam mundo afora, pela xenofobia e desprezo contra os imigrantes das guerras em busca de paz. Este é o retrato do tempo atual a que nos referimos. Como referência a esse tempo de expressões de ódio, trazemos um artigo publicado no IJU Online sobre a herança de ódio que a atual sociedade tem passado para as novas gerações. Cf. SANSON, C., *Manifestações, ódio e golpe*. Disponível em: <<https://goo.gl/7VGqdy>>. Último acesso em 31 de janeiro de 2017.

⁷² Cf. MOLTMANN, J., *Ética da esperança*, pp. 61-62.

⁷³ O conceito de *futuro de Deus*, conforme entendido nesta dissertação pode ser aprofundado em: KUZMA, C., *O futuro de Deus na missão da esperança*, pp. 33-51.

Na América Latina, a Teologia da Libertação se empenhou e se empenha para um fazer teologia a partir dos pobres e com os pobres e esquecidos. E não somente, mas, com e a partir de todas as categorias humilhadas e relegadas a segundo plano. É um fazer teologia a partir das vítimas, que clamam justiça, na memória do crucificado ressuscitado.

4.3. A esperança não decepciona, por que é amor

J. Moltmann propôs a esperança como protagonista da teologia, uma esperança que se fundamenta no futuro de Deus, no Deus da esperança. Em seu prefácio à terceira edição de sua grande obra, *Teologia da esperança*, J. Moltmann reconhece que sua pesquisa passou a ter vida própria, efetuando, “no engajamento prático de muitos cristãos em países distintos, uma guinada para o futuro”⁷⁴. Tomemos por exemplo as teologias Feminista, Política e da Libertação. Afirma ainda que esta obra o levou a “trabalhar intensivamente na formulação de um conceito trinitário de Deus, cujo cerne é o sofrimento e a paixão do Cristo crucificado”⁷⁵. Mas não por último⁷⁶.

A esperança é essa virtude que nos move para frente, seja como o despertar de algo mais da transcendência, seja como o confrontar-se com a *menos vida* provocada pelas estruturas do mal. “É uma força positiva que nos faz caminhar rumo a um horizonte, onde apenas a alegria de estar a caminho já é, de certa forma, uma experiência transformadora”⁷⁷. Se perguntarmos pelo fundamento desta esperança, no âmbito da fé, não há outro senão Cristo, “que traz à humanidade a

⁷⁴ MOLTSMANN, J., *Teologia da esperança*, p. 27.

⁷⁵ MOLTSMANN, J., *Teologia da esperança*, p. 28.

⁷⁶ Cf. MOLTSMANN, J., *O Deus crucificado*, pp. 17-22. Nestas páginas introdutórias, J. Moltmann narra os motivos de escrever sobre a cruz de Cristo, depois de escrever sobre a esperança que brota do Ressuscitado. Não é um retrocesso, mas já indicava que esta temática sempre fez parte do cerne de suas buscas e pesquisas teológicas. A doutrina trinitária de J. Moltmann foi desenvolvida depois da *Teologia da esperança*, mas podemos afirmar que esta compreensão trinitária fundamenta seu conceito cristão de esperança. Por isso, este subcapítulo encerra a pesquisa tratando da esperança e do amor que a fundamenta. Amor que foi demonstrado ao longo de toda nossa pesquisa como padecente, libertador e convidativo, segundo entendimento de J. Moltmann.

⁷⁷ KUZMA, C., *O futuro de Deus na missão da esperança*, p. 57.

face amorosa de Deus que vem e nos oferece Sua salvação, convidando-nos à morada eterna, à plenitude”⁷⁸, que irrompe como transfiguração deste mundo. segundo R. Blank, “o grande sinal de toda prática cristã é a sua esperança. Essa esperança tem sua base na prática de Jesus e tira sua força do fato de Deus ter ressuscitado esse Jesus”⁷⁹.

É este irromper da salvação neste mundo, entendido como convite à plenitude, como um caminhar em direção ao futuro de Deus que veio até nós, que fundamenta o agir cristão no mundo, como agir escatológico, pois “a importância das tarefas terrenas não é diminuída pela esperança escatológica, mas que esta antes reforça com novos motivos a sua execução”⁸⁰. A esperança que brota da ressurreição de Cristo é virtude, é força que move na alegria em meio a dor. Não é resignação ou fuga do mundo, mas pelo contrário, é a palavra profética de Deus em meio a morte e às estruturas de morte. É a motivação da ação de transformação, mesmo em momentos de terríveis trevas da incerteza, da tentação de voltar atrás.

Do que estudamos sobre o amor de Deus, este que a partir da Sua mais íntima relação de amor se envolve solidariamente com a história do Seu outro, o homem e a criação, encontramos a força da esperança cristã. Deus se revela entregando-se aos homens em correspondência ao Seu ser Trindade Amor. A pergunta sobre a possibilidade de Deus frente a realidade do mal no palco das discussões da teodiceia e antropodiceia são deslocadas e tornam-se mera teorização quando se confronta a realidade do amor padecente e solidário de Deus, que é fiel, presente neste mundo enredado pelo mal. É o que afirma W. Kasper:

*A bíblia não conhece o problema moderno da teodiceia e da antropodiceia. Ela não parte de um postulado, mas sim da experiência originária de Israel, que foi igualmente a experiência dos primeiros cristãos, a saber, a fidelidade de Deus em situações difíceis e humanamente sem saída, experimentada de forma reiterada ao longo da história*⁸¹.

Entendemos, portanto, que o agir cristão neste mundo como agir de esperança depende da imagem de Deus que se tem presente. Em cada imagem de Deus se fundamenta a esperança ou o desespero. Em cada imagem de Deus se fundamenta o agir do fiel como transformação ou resignação. Em se tratando da fé cristã, apenas

⁷⁸ KUZMA, C., *O futuro de Deus na missão da esperança*, p. 58.

⁷⁹ BLANK, R., *Escatologia do mundo*, p. 125.

⁸⁰ GS 21.

⁸¹ KASPER, W., *A misericórdia*, p. 158. Grifo do autor.

quando esta se aproxima da revelação de Deus como Amor é que pode mover-se em esperança e trabalhar apaixonadamente pelo Reino de Deus, que é denúncia e anúncio, contradição e construção, pois o Deus revelado é aquele que caminha à frente e com o Seu povo. Nas palavras de A. Queiruga, o Deus cristão está ao lado dos que sofrem e dos que lutam contra o mal: “Longe de enviar ou permitir o mal, é Aquele que, sempre ao nosso lado, nos acompanha na luta contra ele na história e nos assegura a esperança definitiva”⁸². O Pai, *Abba*, é próximo ao homem em seu sofrimento, no sentido de luta contra esse mal⁸³. O Filho, que está junto do Pai e desceu até nós, em solidariedade, viveu e experimentou as esperanças humanas e nessas esperanças nos apresentou a *grande esperança*.

“A esperança não decepciona, porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado (Rm 5, 5-6)”. Nesta perícopre encontramos o fundamento da esperança cristã, que é o amor de Deus, revelado na cruz e ressurreição de Cristo, pois “na sua morte de cruz, cumpre-se aquele virar-se de Deus contra Si próprio, com o qual Ele Se entrega para levantar o homem e salvá-lo – o amor na sua forma mais radical”⁸⁴. É o Amor a verdadeira imagem de Deus e do homem e deste último, a razão de ser de sua existência⁸⁵. Neste amor se encontra o futuro de Deus, o para onde e o donde a esperança tensiona a história humana em vias de plenificação na comunhão livre e adulta com este mesmo Deus.

A compreensão cristã de Deus, como Trindade, como Comunidade de Amor, informa que Deus não é invisível e intocável, mas aparece visível a nós em Jesus Cristo, que em Seu Evento Pascal nos revela a íntima, aberta e convidativa comunhão trinitária. “Ele amou-nos primeiro, e continua a ser o primeiro a amar-nos; por isso também nós podemos responder com o amor. [...] e desta ‘antecipação’ de Deus pode, como resposta, despontar também em nós o amor”⁸⁶. Esta resposta do homem entendemos como uma vida de esperança, pois alcançado por este Amor que comunica a vida nova inaugurada no Crucificado ressuscitado, o homem coloca-se a caminho, como agente de transfiguração deste mundo, como amor de Deus voltado a este mundo, a partir dos abandonados, e como palavra que restitui a justiça aos degenerados pelo mal. Nas palavras de Bento XVI:

⁸² QUEIRUGA, A., *Esperanza a pesar del mal*, p. 45. Tradução nossa.

⁸³ Cf. QUEIRUGA, A., *Esperanza a pesar del mal*, pp. 118-131.

⁸⁴ BENTO XVI, *Deus caritas est*, n. 12.

⁸⁵ BENTO XVI, *Deus caritas est*, n. 1.

⁸⁶ BENTO XVI, *Deus caritas est*, n. 17.

Deus é o fundamento da esperança – não um deus qualquer, mas aquele Deus que possui um rosto humano e que nos amou até o fim: cada indivíduo e a humanidade no seu conjunto. O seu reino não é um além imaginário, colocado num futuro que nunca mais chega; o seu reino está presente onde Ele é amado e onde o seu amor nos alcança. Somente o seu amor nos dá a possibilidade de perseverar com toda sobriedade dia após dia, sem perder o ardor da esperança, num mundo que, por sua natureza, é imperfeito⁸⁷.

Em que consiste este rosto humano de Deus? Em que nível de identificação encontra-se o Deus revelado na história do Filho com a humanidade? Num primeiro momento, Jesus traduziu o rosto do amor e da misericórdia nos anseios primeiros das pessoas com quem se encontrou. A seguir, apontava para a grande esperança. Assume as esperanças da humanidade, e as insere na grande esperança do futuro de Deus. Em outras palavras, assume a condição humana a partir das mais profundas misérias, lá onde, a partir do Seu abandono, o Pai tornou-se Pai dos abandonados. Nesta identificação se dá a contradição a esse mundo injusto e se inaugura a justificação deste mundo, por obra do Espírito Santo, dom do Ressuscitado. É neste sentido que J. Moltmann entende a espera cristã pelo futuro de Cristo. A parusia de Cristo significa que esperamos o Seu futuro:

Dizendo “retorno de Cristo”, o presente fica vazio e a nós resta tão-somente esperar por um distante último dia do juízo. Utilizando a expressão “futuro de Cristo”, dizemos: entendemos que Cristo já está vindo, e pela força da esperança nós hoje nos abrimos, com todos os nossos sentidos, para as experiências de sua vida⁸⁸.

Com isso, entendemos que a esperança cristã, como caminho para e a partir do futuro de Cristo não apenas contradiz o mundo, mas age pela sua transformação. “A profissão de fé cristológica não nos oferece nenhuma resposta teórica acabada, mas abre-nos um caminho”⁸⁹, e este caminho é o da esperança informada pelo amor da Trindade no coração da humanidade, atuante na transformação das estruturas de morte em estruturas de vida. A esperança cristã, como bem recordada pelo número 21 *Gaudim et Spes*, que citamos acima, não é uma fuga deste mundo. Fundamentada no amor de Deus, a esperança cristã toma por desafio próprio as injustiças, as divisões, a falta de humanidade. Tudo aquilo que impõe sofrimento e morte na humanidade é um desafio capital para a esperança cristã, que não se limita, mas alcança os desejos fundamentais do homem e não somente: alcança a este homem

⁸⁷ BENTO XVI, *Spe salvi*, n. 31.

⁸⁸ MOLTSMANN, J., *No fim, o início*, p. 113.

⁸⁹ KASPER, W., *A misericórdia*, p. 163.

a grande esperança, que é obra de Deus. A Esperança cristã é espera ativa. Deus não nos dá um mundo acabado, mas um mundo em transformação, de modo que a humanidade é chamada a participar ativamente desse processo de transformação.

A vida cristã em esperança, como participação na vida trinitária, é um trabalhar pelo Reino de Deus, pois o “reino de Deus não é apenas uma questão de Deus, mas é também uma questão nossa”⁹⁰. Trata-se da relação de duas liberdades, a de Deus e a do homem, que encontra na Encarnação do Verbo a sua plenitude e se desdobra em interpelação mútua de Deus e do homem, de tal modo que o futuro escatológico é pertinente à vida concreta do homem e a ação salvífica de Deus. O Reino de Deus é meta e caminho, é o futuro inaugurado.

O reino de Deus é espera e meta, é dom e tarefa, pois este mundo é nosso e é, também, o mundo de Deus. É neste mundo que devemos procurar pelo Reino de Deus. E esta perspectiva qualifica a existência cristã como informada pela esperança. Nas palavras de W. Kasper:

A nossa situação é, por assim dizer, a da noite de Páscoa. Nela, o círio pascal é introduzido como símbolo da luz de Cristo no templo que está às escuras; aí brilha então a sua luz, e nós podemos acender nele a nossa vela. Mas essa luz continua a resplandecer na obscuridade do templo. Estamos no entanto na vigília da Páscoa. A invocação “Marána thá” (1Cor 16,22), própria da liturgia eucarística paleocristã, expressa ambas as coisas: o Senhor já está aqui, embora continuemos a pedir a sua vinda definitiva⁹¹.

Esta bela imagem reflete bem o agir em esperança do cristão como missão em qualquer contexto em que se insere⁹². A fé cristã se fundamenta na ressurreição de Jesus Cristo e lê sua história até a consequência da cruz a partir desse evento. Nas trevas da morte brilha a nova luz do ressuscitado. Nela, brilha a luz da esperança cristã fundamentada nesse amor de Deus revelado no Evento Pascal de Cristo. No entanto, esta luz que brilha nas trevas se estenderá para a completa dissipação da escuridão⁹³. Esta é a força ativa da esperança. A grande esperança comunica, de esperança em esperança, o amor de Deus. Amor que leva em conta o Seu outro. Se por um lado a falsa afirmação da apatia de Deus em relação ao

⁹⁰ MOLTMANN, J., *No fim, o início*, p. 117.

⁹¹ KASPER, W., *A misericórdia*, p. 162.

⁹² Sobre a temática da missão da esperança, ver: KUZMA, C., *O futuro de Deus na missão da Esperança*, pp. 52-76. Dentre os contextos da missão da esperança, destacamos o latinoamericano em suas novas inquietações e crises, nas pp. 71-72.

⁹³ Cf.: Ap 22, 5.

sofrimento do homem levou à concepção de um Deus sem o mundo, que culminou num mundo sem Deus, a indiferença dos homens em relação ao mal e ao sofrimento dos outros e da criação os leva a viver sem esperança no mundo, e este mundo, vazio de futuro⁹⁴. A fé cristã é esta chama acesa na luz do Crucificado ressuscitado que se estende aos mais recônditos espaços de dor dos esquecidos pela história humana. A esperança cristã ativa a solidariedade pois se fundamenta na solidariedade de Deus que é amor fiel.

Só o amor que se *com-padece*, que destrói as forças do mal e transfigura o mundo e os homens tem futuro. Este amor é Deus. A Trindade se move em amor por este mundo e com este mundo, pois abre Suas relações recíprocas de amor para a plena participação nelas do homem e seu mundo. O caráter convidativo deste Amor é o fundamento da esperança, é a grande esperança, pois a partir do Seu futuro de comunhão, Deus desce e caminha conosco e à nossa frente, e nos abre o Seu reino para dele tomarmos parte na liberdade.

A lógica do amor conduz a um olhar novo para o mundo e para a história. É o olhar da transcendência nas vias da “misericórdia e do perdão”⁹⁵ e ainda mais avante, na via da solidariedade. É a lógica que brota do crucificado, que revela o absoluto pertencer do homem a Deus e aos outros, que deixam de ser meros outros para se transformarem em próximos na nova relação proposta pelo *Ágape*.

A dimensão escatológica da esperança em chave de amor leva a um descentrar do homem, em direção a alteridade. “O amor a Cristo e, nele, o amor aos nossos irmãos, robustece o dinamismo da esperança. Ele manifesta uma presença de Deus que não abole a história, mas é contestação das injustiças e alimento de solidariedade aos últimos”⁹⁶. Essa nova relação, que parte da descentralização do homem de si mesmo, é a dimensão escatológica da esperança.

O aspecto relacional da esperança aponta para o Evento Pascal, que é o ponto chave da esperança cristã. A páscoa de Cristo é uma interpelação para a relação, para um sair de si mesmo na base da confiança radical em Deus que “não atende todos os nossos desejos, mas cumpre todas as suas promessas”⁹⁷. Na páscoa de Cristo a esperança assume o mundo e o seu fim. Não são duas histórias, a do homem

⁹⁴ Cf. MOLTMANN, J., *No fim, o início*, p. 120.

⁹⁵ PIAZZA, O. F., *A esperança*, p. 155.

⁹⁶ PIAZZA, O. F., *A esperança*, p. 161.

⁹⁷ PIAZZA, O. F., *A esperança*, p. 151.

e a da salvação, nem dois fins, um natural e um sobrenatural, mas um só futuro, o futuro de Deus⁹⁸. É a boa notícia de Deus que motiva ação de transformação e, ao mesmo tempo, “*memoria passionis*, que põe em evidência tudo aquilo que entra em contradição com o Reino”⁹⁹.

Concluimos este tópico com as palavras do Papa Francisco sobre a esperança fundada na ressurreição de Cristo:

Assim é a esperança cristã: ter a certeza de que estou a caminho de algo que existe, não de algo que eu desejo que exista. Esta é a esperança cristã. A esperança cristã é a expectativa de algo que já se cumpriu e que certamente se há de realizar para cada um de nós. [...]. Portanto, esperar significa aprender a viver na expectativa. Aprender a viver à espera e encontrar a vida. [...] Esperar significa e implica um coração humilde, um coração pobre. Somente o pobre sabe esperar. Quem já está repleto de si e dos seus pertences, não sabe depositar a própria confiança em nenhum outro, a não ser em si mesmo¹⁰⁰.

Ser cristão não é o mesmo que ter ou não ter esperança, porque a fé cristã é visceralmente escatologia. Esperamos o que se realizou no Evento Pascal de Cristo, a promessa cumprida pelo Deus fidedigno. Esperamos por Ele, que é a nossa vida, o novo de Deus para a história humana. Esta história é acolhida na eterna comunhão de amor da Trindade. A esperança cristã realiza na história essa comunhão que clama pela justiça de Deus e opera para a sua realização.

Neste capítulo estudamos a escatologia do amor revelado na entrega trinitária na história humana. O que foi refletido desde o primeiro capítulo encontra aqui o impulso performativo do fazer teologia como serviço da esperança. Tratamos aqui do desdobramento do estudo do amor de Deus que se compadece em enunciado escatológico, tendo por paradigma a escatologia performativa. Aqui se tratou do olhar pastoral da escatologia estudada nessa nossa pesquisa. Entendemos que o amor de Deus é convidativo nas duas direções: de participar na comunhão trinitária e de abrir o mundo para essa comunhão, a partir de uma existência pautada pela grande esperança. É comunhão e missão.

Concluimos com o alcance do amor da Trindade que a partir do grito de abandono do Filho na Cruz dá suporte a todos os clamores da humanidade. Estes podem ser expressados em sua aflição sem o silêncio aterrador da indiferença divina

⁹⁸ PIAZZA, O. F., *A esperança*, p. 150.

⁹⁹ PIAZZA, O. F., *A esperança*, p. 151. Grifo do autor.

¹⁰⁰ PAPA FRANCISCO, *Audiência geral de 01 de fevereiro de 2017*. Disponível em: <<https://goo.gl/KsQ68G>>. Último acesso em 03 de fevereiro de 2017.

e a consequente indiferença humana. Mas a partir do futuro inaugurado na ressurreição do Crucificado, as causas do clamor são derrotadas, e ainda que sintamos a densa escuridão à nossa volta, já brilhou a chama do futuro de Deus. Esta chama se mantém acesa em esperança, que opera a destruição da inimizade e desponta em sua reserva escatológica como recapitulação de tudo na dinâmica do amor, desde a *kênosis* do amor aos inimigos. É neste sentido que entendemos a escatologia do amor, a reserva escatológica da esperança cristã que se traduz em amor até as últimas consequências, porque a consequência última do amor é a vida. E em Deus, vida em plenitude.